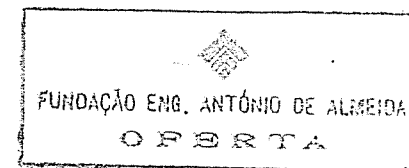


CAROLINA MICHAËLIS  
E JOAQUIM DE VASCONCELOS:  
A SUA PROJECCÃO NAS ARTES  
E NAS LETRAS PORTUGUESAS

COORDENAÇÃO DE

MARIA MANUELA GOUVEIA DELILLE  
JOÃO NUNO CORRÊA-CARDOSO  
JOHN GREENFIELD



FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

- Vaquinhas, Irene Maria (2003), «L'historiographie sur les femmes au Portugal: le XIXe siècle», in: Bock, Gisela/Anne Cova (dir.), *Écrire l'Histoire des Femmes en Europe du Sud: XIXe-XXe siècles/ Writing Women's History in Southern Europe: 19th-20th Centuries*, Oeiras, Celta, 27-47.
- Vasconcelos, Joaquim de (1877), *A Reforma de Belas-Artes: análise do relatório e projectos da Comissão oficial nomeada em 10 de Novembro de 1875*, Porto, Imprensa Literário-Comercial.
- (1879), *A Reforma do Ensino de Belas-Artes III – Reforma do Ensino de Desenho*, Porto, Imprensa Internacional.
- (1882), «Educação Popular. Sobre o ensino profissional, por parte das Associações e do Estado», *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*, Ano 2, n.º 2, 49-53.
- (1891), *A Exposição das Escolas de Desenho Industrial*, Porto, Tipografia do Comércio do Porto.
- (1909), «Arte Decorativa Portuguesa», in: Exposição Nacional do Rio de Janeiro em 1908. Secção Portuguesa, *Notas sobre Portugal*, vol. II, Lisboa, Imprensa Nacional, 179-208.
- ([1975]), *Cartas*, Porto, Ed. Marques Abreu.
- (1983), *Indústrias Portuguesas* (org. e prefácio de Maria Teresa Pereira Viana), Lisboa, Instituto Português do Património Cultural.
- Viana, Maria Teresa Pereira (1983), Prefácio, in: Vasconcelos, Joaquim de, *Indústrias Portuguesas*, Lisboa, Instituto Português do Património Cultural, 5-21.

**PÊRO DE ANDRADE CAMINHA E CAROLINA MICHAËLIS  
DE VASCONCELOS: ACHEGAS PARA A HISTÓRIA  
DA EDIÇÃO DE JOSEPH PRIEBSCHE**

VANDA ANASTÁCIO  
Universidade de Lisboa  
Centro de Estudos Clássicos

A importância de que se reveste a abundante correspondência trocada entre Carolina Michäelis de Vasconcelos e os homens de letras seus contemporâneos tem sido repetidamente sublinhada por diversos autores. Há mais de meio século, num artigo publicado em 1956 pelo Instituto Alemão de Lisboa, Albin Eduard Beau referia-se ao epistolário de Carolina Michaëlis nos termos seguintes:

Entre os trabalhos a realizar ainda, um dos mais interessantes afigura-se-me ser o da publicação da sua correspondência – e não só das cartas escritas por ela como ainda das que recebeu e às quais respondeu. Não se trataria, evidentemente, de satisfazer desta guisa determinadas curiosidades indiscretas. As correspondências já publicadas dos irmãos Grimm, de Savigny, de Ranke, Jakob Burckhardt, Dilthey, de Vossler e Croce, todas elas cartas trocadas entre eruditos dos séculos XIX e XX, são exemplos do interesse que estas publicações merecem, quer pelos seus aspectos de cultura e preocupação individual, quer pela luz que lançam sobre a cultura e a vida mental da sua época. Dada a categoria de D. Carolina Michaelis de Vasconcelos e dos seus correspondentes, julgo não ser exagerado afirmar que não será menor o valor a atribuir à edição crítica,

seleccionada e devidamente anotada das suas cartas. Fique aqui a sugestão. Realizada esta ideia, não constituiria somente outro tributo de homenagem prestado à sua memória. Estou convencido de que seria também contribuição elucidativa para a compreensão do espírito da sua época. (Beau, 1958: 20-21)

Estas palavras servir-nos-ão de ponto de partida para a reflexão que procuraremos aqui desenvolver. Elas revelam a consciência do valor de que as cartas trocadas entre estudiosos se revestem para o estudo da História das Ideias e para a compreensão do modo como a ciência vai sendo constituída, questionada e reconfigurada no diálogo entre os que se lhe dedicam. Como recordou Yakov Malkiel, até meados do século XX a correspondência era o meio mais usado pelos estudiosos para comunicar entre si, pelo que a escrita de cartas sobre temas eruditos poderá ser considerada como uma das vertentes do trabalho científico<sup>1</sup>.

Apesar de a edição sonhada por Albin Beau não ter sido ainda levada a efeito, o estudo individualizado de algumas das relações epistolares de D. Carolina permite ir iluminando aspectos específicos do seu percurso intelectual. Para além de expor métodos de trabalho e estratégias particulares de tratamento e de publicação de dados<sup>2</sup>, a análise destas cartas permite reflectir sobre o papel que desempenhou como mediadora entre romanistas estrangeiros e eruditos portugueses, permite verificar a forma generosa como contribuiu para as investigações de um número considerável de estudiosos contemporâneos de vários países, e

<sup>1</sup> «The essential means of communication between fairly isolated scholars in those days was letter-writing, on a scale almost unimaginable at present. Carolina Michaëlis enthusiastically cultivated this – now almost obsolete – genre of epistolary contact (the celebrated *Gelehrtenkorrespondenz*);» (Malkiel, 1993: 4)

<sup>2</sup> Vejam-se, a este respeito, as conclusões a que chega, no trabalho sobre uma carta de Leite de Vasconcelos a Carolina Michaëlis, Maria Ana Ramos (1991).

documenta a admiração que granjeou junto dos seus pares. Dada a posição que Carolina Michaëlis de Vasconcelos ocupou no campo cultural português e no campo cultural europeu da sua época, a investigação sobre o modo como teceu e manteve à sua volta a vastíssima rede de correspondentes que o seu epistolário documenta contribuirá, certamente, para conhecer melhor a sua posição nestes campos.

Vale a pena ter presente que poucas mulheres conseguiram na mesma época alcançar posição equivalente, o que torna o caso de D. Carolina especialmente digno de atenção, se quisermos encará-lo do ponto de vista de uma história relacional das trocas intelectuais entre estudiosos que tenha em conta as atitudes fundadas em diferenças de género e as construções sociais da masculinidade e da feminilidade implícitas nesses modos de relacionamento (Risman, 2004) (Amâncio, 2005) (Nunes, 2008). O recurso à categoria analítica de ‘género’, ainda que deva ser necessariamente adoptada de maneira ‘interseccional’ – ou seja, cruzando-a com outras categorias socioculturais como a de classe, nacionalidade, nível de instrução, etc. (Crenshaw, 1998) (Einspahr, 2010) –, parece especialmente pertinente neste caso, dada a importância que assume, nos discursos produzidos pelos seus contemporâneos, o facto de Carolina Michaëlis ser mulher.

Com efeito, logo na carta que lhe dirigiu Gaston Paris em 18 de Novembro de 1871, depois da publicação do seu primeiro trabalho, as palavras elogiosas são acompanhadas pela manifestação de surpresa causada, mais do que pela juventude da autora, pelo facto de uma mulher tratar matérias até aí reservadas aos homens<sup>3</sup>. Nessa missiva,

<sup>3</sup> Também Meyer-Lübke, no artigo que enviou para o número *In Memoriam* da revista *Lusitânia* se refere à surpresa causada entre os estudiosos da área pelo facto de depararem com trabalhos eruditos redigidos por uma mulher (citamos pela tradução aí incluída): «No ano de 1876 foi publicado um pequeno livro: *Studien zur romanischen Wortschöpfung*, por Carolina Michaëlis. Era uma surpresa no campo da investigação científica filológica.

Carolina Michaëlis começa por ser comparada à donzela que se veste de varão para ir à guerra (penetrando assim num reduto vedado às mulheres) e, num segundo momento, é descrita como a invasora do «jardim» da Filologia, no qual as mulheres nunca deveriam pôr os pés. Apesar de, a nível manifesto, a frase poder ser lida como uma manifestação de galanteria, o certo é que essa invasão simbólica de um jardim metafórico é descrita como uma humilhação infligida ao sexo masculino:

Où donc avez-vous appris à dix-neuf ans ce que nous autres, après douze ou quinze ans de travail, nous ne savons pas encore? Vous êtes comme la *donzella que vai á guerra* du romance portugais, – qui dès son début l'emporte sur tous les cavaliers. [...] Il ne nous reste, à nous autres hommes, qu'à baisser la tête et à nous humilier. J'ai toujours cru que la philologie était un jardin où les femmes se garderaient de jamais mettre les pieds; vous êtes au moins la première qui y ait pénétré, et vous semblez pourtant y être absolument chez vous. (*Apud Vasconcelos*, 1912: 283)

Gaston Paris não estava só nesta forma de ver. Entre as cartas publicadas no volume de homenagem a Carolina Michaëlis editado pela Academia das Ciências em 1911, figura uma outra, escrita por A. Scheler, datada de Bruxelas a 10 de Maio de 1875, onde, agradecendo o envio de trabalhos, este se lhe refere como um «fenómeno», pelo facto de dominar uma área do conhecimento até aí reservada aos professores «mais eruditos e mais barbudos»:

Nochmals, verehrtestes Fräulein, meinen Dank für das Interesse, das Sie mir beweisen und dazu noch meine Bewunderung über das Phänomen:

Jamais havia acontecido que, neste campo de trabalho, ainda novo, uma mulher se tivesse anunciado como colaboradora, – nesse campo em que se exigia, dos que nele se propunham trabalhar, uma cultura científica que só os ginásios e as universidades podiam administrar.» (*Meyer-Lübke*, 1927: 17)

eine Tochter Eva's auf dem Gebiete der Sprachphysiologie die bätigsten und geschultesten Fachprofessoren überflügeln zu sehen. (*apud Vasconcelos*, 1911: 286)

[Uma vez mais, venerada menina, o meu agradecimento pelo interesse que me demonstrou e também a minha admiração pelo fenómeno: ver, na área da fisiologia linguística, uma filha de Eva ultrapassar os professores especialistas mais eruditos e mais barbudos.]

Atitude semelhante, misto de cavalheirismo e de surpresa pela perda súbita da hegemonia masculina numa área do saber, se observa nas palavras de Ricardo Jorge, escritas por ocasião da entrada de D. Carolina para a Academia das Ciências:

Tem de esmaltar-se no livro de ouro do feminismo este nome que no ramo da filologia e da paleo-literatura atingiu a raia da mais sã e da mais autêntica celebridade, desapossando os homens do apanágio tradicional do *beneditismo*, robustecido pela ciência, pela crítica e pela estética. (*Jorge*, 1912: 302d)

Alguns dos pares de Carolina Michaëlis de Vasconcelos parecem ter procurado relativizar a percepção do seu interesse pela Filologia como uma intrusão no mundo masculino da alta ciência, matizando-a. Uma das estratégias discursivas mais comuns nos seus escritos consistiu na atribuição à estudiosa de características masculinas que a diferenciariam, pela positiva, dos outros elementos do seu sexo. É o que encontramos, por exemplo, no artigo publicado por Mendes dos Remédios em 1926, quando diz sobre ela que «O cérebro era de Homem, mas o coração era de Mulher» (Remédios 1926: 228) ou que, no seio de Carolina Michaëlis «se albergava a mais tersa, a mais vibrátil, a mais corajosa, a mais viril energia» (Remédios 1926: 223). Outro lugar-comum discursivo nos textos contemporâneos que perdurou nas refle-

xões da crítica posterior<sup>4</sup> consiste na atribuição, *aos seus trabalhos*, de características associadas, na época, às virtudes da feminilidade, como a discrição, a modéstia, o sentimentalismo, ou a delicadeza<sup>5</sup>, associando, assim, o louvor da erudição de D. Carolina, ao do seu papel de mãe de família<sup>6</sup> e aos seus atributos domésticos. A necessidade de configurar a percepção do lugar ocupado pela estudiosa no campo cultural do seu tempo, recorrendo a imagens capazes de iludir o desafio à concepção epocal dos papéis de género que a sua intervenção constituía, parece ter estado na origem do pedido feito pela Academia das Ciências a

<sup>4</sup> Vejam-se, a título ilustrativo da longevidade deste *topos*, as palavras escritas por Albin Eduard Beau no texto citado acima, em que as características femininas de Carolina Michaëlis de Vasconcelos são invocadas para definir/classificar não só todos os momentos da sua vida, mas, até a sua caligrafia: «E na própria Carolina, as suas prematuras qualidades intelectuais nunca chegaram a reprimir ou até a atrofiar as qualidades naturais e características da adolescência feminina, a gracilidade dos seus gestos, os seus afectos e amizades, o seu amor ao lar, ao governo da casa – a mãe morrera cedo –, e à companhia despreocupada das pessoas amigas. [...] Se por índole ela nunca renunciou a entregar-se ao amor intelectual, era-lhe igualmente natural não permitir nunca que a sua vocação para os estudos diminuísse a vivacidade dos seus afectos humanos, o amor sentimental. [...]«[Nas [cartas] de D. Carolina não podemos deixar de admirar, além disto, a fina caligrafia, feminina e elegante.» (Beau, 1958: 11)

<sup>5</sup> Como se observa, por exemplo, nas palavras de Georges LeGentil (1927: 125): «Mais la science qu'elle voulait scrupuleuse, elle savait la rendre discrète. À la documentation étalée, elle préférait, avec une sorte de délicatesse féminine, celle qui se dissimule dans les notes. Mais la mesure qu'elle apporte dans l'exposé, toujours modeste, de ses découvertes, on la retrouverait dans ses jugements. Jamais érudit n'a mieux nuancé la gamme de ses affirmations, mieux marqué les limites qui séparent le certain du probable, du vraisemblable et du possible.»

<sup>6</sup> Vejam-se as palavras escritas em 1911 pelo então Secretário da Academia das Ciências, Cristovão Aires quando se refere ao seu «perfil radioso da mãe, da educadora, da chefe de família, que deve servir de modelo às mulheres que primam por desempenhar condignamente a sua principal missão na terra, sendo o fiel da disciplina, da ordem, da economia e do trabalho, dentro do lar que criaram e onde tem de representar a verdadeira força e o principal elemento de equilíbrio.» (Ayres 1912: III)

Luise Ey, em 1911, para descrever «D. Carolina Michaëlis na intimidade». O resultado é o retrato de uma espécie de '*mulher total*', capaz de operar a união de talentos (ou de esferas?) até então considerados incompatíveis:

Porque á D. Carolina, apesar da sua enorme productividade literária, ainda lhe sobeja tempo, não só para fazer o *menu*, mas para vigiar e até pessoalmente preparar qualquer prato especial. Correm paralelamente os seus deveres de Académica com os de *Mater familias* e de boa *ménagère*. E com tamanha imparcialidade os distribue que, da mesma cadeira, rege ora uma «grammaire portugaise», ora uns sonhos de... bacalhau. (Ey, 1912: 240)

A tomada de consciência do modo como o factor «género» tem agido na maneira como a memória de Carolina Michaëlis de Vasconcelos tem sido construída deverá alertar-nos para a necessidade de encarar – e de historiar – a sua actuação noutros termos, cruzando a excepcional preparação e capacidade científica, com factores como, por exemplo, o meio social em que nasceu e se criou, o capital cultural acumulado antes de vir para Portugal, o acesso a revistas especializadas alemãs e francesas, a relação de proximidade com o editor Niemeyer, a discriminação positiva que o facto de ser estrangeira lhe proporcionou na sociedade portuguesa e a posição social do marido nos meios intelectuais portuenses e nacionais.

Durante os trabalhos preparatórios da exposição realizada em 2009<sup>7</sup>, a Professora Doutora Manuela Delille e aqueles que com ela colaboraram no tratamento do espólio de Carolina Michaëlis e de

<sup>7</sup> Da exposição resultou o catálogo intitulado: *A Vida e a Obra de Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Evocação e Homenagem*, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2009.

Joaquim de Vasconcelos localizaram um *corpus* significativo de cartas enviadas a Carolina Michaëlis por Joseph Priebisch durante os anos em que este investigador se dedicou ao estudo da poesia de Pêro de Andrade Caminha (152?-1589). É sobre essas epístolas, e sobre a relação que nelas se desenha, que nos debruçaremos em seguida.

### Para a história da edição de *Poesias Inéditas* de P. de Andrade Caminha

Recordemos alguns dados conhecidos.

Em 1901, Carolina Michaëlis de Vasconcelos publicou um longo estudo na *Revue Hispanique* sobre Pêro de Andrade Caminha (Vasconcelos, 1901: 338-450). Esse seu trabalho, sobre um poeta quinhentista que a crítica contemporânea apresentava como um rival malévolos de Camões, fora motivado pelo aparecimento de uma nova edição das suas obras<sup>8</sup>. Realizada em 1898 por Joseph Priebisch, a publicação tivera como ponto de partida a localização e a identificação de um manuscrito de obras do poeta, guardado entre os fundos da *British Library* de Londres e até então classificado como anónimo<sup>9</sup>. No prefácio que antecede a tradução portuguesa desta obra, só publicada em 1982, Adrien Roig relaciona os trabalhos dos dois eruditos alemães, nos termos seguintes:

Trata-se, na verdade, do mais importante trabalho existente, pela extensão e qualidade, sobre Pedro de Andrade Caminha e a sua obra. Foi elaborado quando da edição da obra do Dr. J. Priebisch, oriundo da Boémia,

<sup>8</sup> Trata-se de Priebisch (1898). Para uma discussão da atribuição do papel de rival a Pêro de Andrade Caminha e para uma edição crítica da totalidade da sua obra veja-se Anastácio (1998).

<sup>9</sup> Trata-se do códice da *British Library* com a cota: Add. Mss. 33791.

*Poesias Inéditas de Pêro de Andrade Caminha*. Carolina Michaëlis tinha acompanhado de perto as investigações e o trabalho do autor e havia traduzido para português a introdução e as notas que estavam redigidas em alemão. Estava, por isso, em condições de nos dar uma análise completa e precisa da gênese do livro e do seu conteúdo. (*Apud* Vasconcelos: 1982, 10)

A leitura atenta do trabalho apresentado em 1901 permite inferir que, apesar de ter, como sugere Roig, «acompanhado» as investigações efectuadas por Joseph Priebisch, Carolina Michaëlis não teria ficado completamente satisfeita com o resultado final: descreve, por exemplo, a introdução do seu compatriota como «um escasso relato» «pouco explícito para o leitor», e chega mesmo a escrever que, em sua opinião, a edição realizada pelo professor alemão deixara «em aberto uma série razoável de perguntas»<sup>10</sup>. É nesta ordem de ideias que descreverá o seu próprio trabalho sobre Caminha como uma continuação da tarefa iniciada por Priebisch. Nas suas palavras, o seu estudo destinar-se-ia a preencher uma «lacuna», a dar «novas informações», a acrescentar «notas» e a apresentar «algumas composições do poeta, em parte inéditas»:

Seguidamente preencheri a referida lacuna com um índice do Manuscrito de Lisboa; darei, dos meus próprios apontamentos, novas informações sobre os manuscritos de Andrade, bem como uma série de notas sobre o conteúdo dos poemas, as relações de Andrade Caminha com Camões, as circunstâncias da sua vida e da dos seus protectores, amigos e colegas; e apresento, a terminar, algumas composições do poeta, em parte inéditas, em parte pouco conhecidas, juntamente com documentos sobre D. Francisca de Aragão. (Vasconcelos, 1982: 18)

<sup>10</sup> Eis as suas palavras: «E também o escasso relato na introdução [...] me parece pouco explícito para o leitor. Para mim, pelo menos, tendo-me passado pelas mãos esses materiais, agora que me afastei mais do assunto, fica em aberto uma série razoável de perguntas.» (Vasconcelos, 1982: 18)

De facto, nesse trabalho D. Carolina recenseia criticamente a obra de Priebisch, faz o ponto da investigação realizada sobre o poeta até à data, e lança bases sólidas para a pesquisa posterior. O contraste entre o volume de dados apresentados pela investigadora e o «escasso relato» – para usar as suas palavras –, que constitui a introdução das *Poesias Inéditas de Andrade Caminha* deixa margem para dúvidas quanto à extensão dos dados que teria facultado anteriormente ao editor e suscita perguntas como: teria Priebisch desprezado informações transmitidas por Carolina Michaëlis? Ou: teria sido o estudo divulgado por D. Carolina em 1901 apenas o resultado do estímulo constituído pela tal «série razoável de perguntas» deixadas em aberto pela edição daquele estudioso e o produto de novas pesquisas efectuadas depois da sua publicação?

A situação parece tanto mais curiosa quanto algumas das falhas apontadas à edição de *Poesias Inéditas* pareceriam ser, aparentemente, de fácil resolução. Por exemplo, quando D. Carolina lastima o facto de Joseph Priebisch não ter incluído no seu trabalho um índice das composições que figuram no códice de Lisboa, podemos perguntar-nos se não teria indicado essa falta ao editor antes da impressão do volume. Podemos também imaginar, evidentemente, que a opinião de D. Carolina nem sempre tivesse sido seguida.

Ainda que as cartas aqui publicadas não permitam esclarecer cabalmente dúvidas como estas, sobretudo porque as missivas da própria Carolina Michaëlis não foram conservadas, a sua leitura permite acompanhar o percurso seguido por Joseph Priebisch ao longo do trabalho de edição e, sobretudo, entender melhor aquilo a que poderíamos chamar *o lado humano da investigação*: a partilha de dados, a discussão de ideias, o diálogo entre diferentes pontos de vista sobre um determinado assunto. As cartas dirigidas à estudiosa por Sousa Viterbo na mesma época, e sobre o mesmo tema, também localizadas em 2009

pela equipa coordenada pela Prof. Doutora Manuela Delille, permitem completar um pouco mais este quadro que, não sendo totalmente desconhecido dos estudiosos, permite uma delimitação mais precisa do contributo dado por este pesquisador para o mesmo empreendimento<sup>11</sup>. Para além dos factos já conhecidos, a saber, que se lhe deve a identificação do códice da Biblioteca Nacional, e que foi por seu intermédio que Priebisch obteve a cópia de que se serviu para a sua edição, é possível agora formar uma ideia mais clara do alcance dessa intervenção<sup>12</sup>.

### As cartas

O *corpus* epistolar que aqui se analisa é formado por 21 missivas (13 cartas e 8 bilhetes-postais) enviadas por Joseph Priebisch a Carolina Michaëlis de Vasconcelos entre 1 de Junho de 1894 e 9 de Novembro de 1897, de Londres (9 missivas), de Tiefenbach-Dessendorf (6 missivas), de Berlim (2 missivas), de Viena (1 missiva), de Baden bei Wien (1 missiva) e de Liverpool (1 missiva)<sup>13</sup>, e por 10 cartas escritas à mesma destinatária por Francisco de Sousa Viterbo, a partir de Lisboa e do Porto, entre 28 de Fevereiro de 1895 e 22 de Março de 1910. Como ficou dito acima, trata-se, neste caso, de documentos complementares da correspondência trocada entre D. Carolina e o estudioso alemão, que permitem integrar o diálogo entre ambos numa rede de contactos mais ampla: a partir destes escritos percebe-se, por exemplo, que Sousa Viterbo mantinha uma relação de cordialidade e de partilha

<sup>11</sup> Recorde-se que Francisco Marques de Sousa Viterbo, nascido em 29 de Dezembro de 1845, viria a falecer em 1910.

<sup>12</sup> Trata-se do Códice preservado na Biblioteca Nacional de Lisboa com a cota: COD 6383-84. Cf.: Viterbo (1894), Priebisch (1898) e Anastácio (1998).

<sup>13</sup> Há um único caso em que não foi possível identificar o local de envio.

de dados com Brito Rebelo<sup>14</sup>, que Carolina Michaëlis sugeriu ao professor alemão o envio de exemplares dedicados da sua obra a diversos estudiosos portugueses e, que, para além de o ter posto em contacto com Sousa Viterbo, serviu de intermediária, pelo menos, entre Priebisch e Aníbal Fernandes Tomás<sup>15</sup>, depois de lhe ter chamado a atenção para a importância de alguns poemas contidos no célebre *Cancioneiro* manuscrito a que este último emprestou o seu nome<sup>16</sup>.

Graças a estes documentos é possível perceber a existência de um grupo de intelectuais que partilhava uma mesma visão do trabalho de investigação e perfilhava metodologias semelhantes<sup>17</sup>. Referimo-nos à importância que todos eles atribuíam ao trabalho de arquivo e à utilização dos resultados apurados através da pesquisa documental com valor de prova para validar cada passo da análise, bem como ao emprego sistemático desses mesmos dados na proposta de novas hipóteses de tra-

<sup>14</sup> Referimo-nos a Jacinto Inácio Brito Rebelo, nascido em 25 de Outubro de 1830 e falecido a 5 de Fevereiro de 1910.

<sup>15</sup> Veja-se a carta de Priebisch com a cota BGUC Cx. 14, n.º 165, datada de 9 de Novembro de 1897, quando diz: «Die Widmungsexemplare will ich gern an die genannten Gelehrten schicken, doch bitte ich Sie mir die Adresse von Herrn A. Fernandes Thomas zukommen zu lassen.» [Terei o maior prazer em enviar os exemplares dedicados aos referidos estudiosos, por isso peço-lhe que me faça chegar o endereço do Senhor A. Fernandes Thomaz.]

<sup>16</sup> Tanto quanto se pode depreender pela carta de Priebisch BGUC Cx. 14, n.º 156, datada de Viena a 22 de Março de 1896, Carolina Michaëlis decidira enviar-lhe cópia de pelo menos um soneto do *Cancioneiro* de Fernandes Tomás: «Das Sonett aus dem Ms. F. Thomas und die Epigrammas Inéditos des Lissaboner Codex haben Sie mir noch nicht zugeschickt. Haben Sie die Güte dieselben in die Rücksendung der Cantigas e Vilancetes castelhanos oder später des Lissaboner Codex einzuschliessen.» [Ainda não me enviou o Soneto do Ms. F. Thomaz nem os Epigrammas inéditos do códice de Lisboa. Por favor queira ter a bondade de os incluir na remessa das Cantigas e Vilancetes castelhanos ou, mais tarde, na do códice de Lisboa.]

<sup>17</sup> Se não se tratasse de um grupo tão pequeno ousaríamos falar, talvez, numa «comunidade de práticas» e de interpretação.

balho, por exemplo. Note-se que não conseguimos até ao momento apurar a idade de Joseph Priebisch<sup>18</sup>, mas é possível deduzir que se trataria de um investigador em princípio de carreira: pelo menos é assim que ele se auto-representa neste *corpus* epistolar, não só colocando-se numa posição reverencial perante Carolina Michaëlis, mas também manifestando, na fase final do trabalho, a consciência de ter metido ombros à realização de uma tarefa para a qual não se encontrava ainda suficientemente maduro<sup>19</sup>.

A carta mais antiga deste *corpus*, datada de Londres em 1 de Junho de 1894, parece corresponder ao primeiro contacto entre os dois investigadores alemães. Priebisch apresenta-se a D. Carolina como um «completo desconhecido» que pede conselho e informações a alguém mais «experiente» acerca da descoberta de dados novos – neste caso, o manuscrito da British Library. Na carta seguinte, enviada cerca de seis meses mais tarde, o investigador confessa que o trabalho que tem entre

<sup>18</sup> Em catálogos bibliográficos como o Worldcat, por exemplo, surge indicada, como data de nascimento 1866. No entanto, dado que não conhecemos documentos que permitam comprová-la, alertamos para o facto de poder tratar-se de uma confusão com a data de nascimento de outra personagem com o mesmo apelido: Robert Priebisch nascido em 1866 e falecido em 1935, a quem Joseph Priebisch se refere como sendo seu primo («mein Vetter») no agradecimento que lhe faz no artigo «Altspanische Glossen» (Priebisch, 1895). Robert Priebisch, medievalista, paleógrafo e bibliófilo, foi professor de Alemão nas Universidades de Liverpool e de Londres, e o seu espólio, conhecido como «Priebisch-Closs Collection», preserva-se no *Institute of Germanic Studies* desta última Universidade.

<sup>19</sup> Veja-se a passagem seguinte da carta datada de 26 de Junho de [1896] (BGUC Cx 14, n.º 157): «Leider erkenne ich erst jetzt, dass ich mir hier eine Aufgabe gestellt habe, der ich noch nicht gewachsen bin. Die litterarhistorische Einleitung erfordert eine genaue Kenntnis der Litteratur und Geschichte jener Zeit in welche ich bei meiner kurzen Beschäftigung mit portug. Litteratur nicht tief genug eingedrungen bin.» [Infelizmente verifico agora que me propus realizar uma tarefa para a qual ainda não estou suficientemente maduro. A introdução histórico-literária pressupõe um conhecimento rigoroso da Literatura e da História desta época da qual não estou ainda inteirado de modo suficientemente profundo]



mãos está ainda longe de estar pronto, devido às dificuldades na identificação de modelos, fontes e paralelos das numerosas Cantigas e Vilancetes em português e em castelhano que figuram no códice londrino. A alusão ao manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa, descoberto por Sousa Viterbo em 1894 (Viterbo, 1899) permite precisar o momento em que Priebisch terá entrado em comunicação com este último, uma vez que solicita à sua correspondente o endereço do erudito português.

Se conjugarmos estes dados com as informações dadas pelo próprio Sousa Viterbo na carta datada de 28 de Fevereiro de 1895, poderemos concluir que Joseph Priebisch conseguiu obter fotografias das páginas iniciais do manuscrito de Londres e que as enviou para Lisboa, mas que Sousa Viterbo terá deduzido, *com base na sua memória*, («tanto quanto posso confiar na reminiscência» são as palavras que usa) que a letra do exemplar fotografado se «pareceria muito» com a do códice de Lisboa, afirmando, até, que poderiam ser «da mesma penna»:

Devolvo as provas do manuscrito de Londres, que V. ex.<sup>a</sup> teve a bon.<sup>de</sup> de me enviar. A letra, quanto posso confiar na reminiscência, parece-se muito com a do códice de Lisboa. Talvez seja até da mesma penna<sup>20</sup>.

Como sabe quem alguma vez pôde ver ambos os documentos, ao vivo ou em reprodução, neste ponto o erudito lusitano foi atraído pela sua «reminiscência»: o manuscrito de Lisboa, é um *in-quarto* formado por cadernos de papel de qualidades muito diversas, contendo uma cópia a limpo *autógrafa* que foi sendo apurada posteriormente através de correcções de autor, redigida sem a preocupação de traçar

<sup>20</sup> Carta de Sousa Viterbo a Carolina Michaëlis de Vasconcelos, pertencente ao espólio da BGUC, datada de 28 de Fevereiro de 1895.

pauta nem esquadria, cuja letra, itálica, embora regular, não pode classificar-se como obra de copista profissional, enquanto o códice da *British Library* é uma cópia caligráfica elegantemente executada, sem emendas visíveis, num códice *in-12º*, em papel de uma única qualidade, com as linhas dispostas em intervalos regulares e as margens assinaladas por traços a vermelho. Este aparente lapso de pormenor não terá certamente contribuído para esclarecer as dúvidas manifestadas pelo estudioso alemão quanto à relação existente entre ambos os manuscritos<sup>21</sup>.

Seja como for, a mesma carta comprova que a sugestão do nome da pessoa encarregada de copiar o extenso manuscrito lisboeta partiu de Carolina Michaëlis, apesar de ter tido a imediata aprovação de Sousa Viterbo<sup>22</sup>. Por esta carta, bem como pela carta datada de 23 de Junho de 1895, ficamos a saber, também, que a localização e transcrição dos documentos sobre D. Francisca de Aragão publicados pela filóloga no

<sup>21</sup> Priebisch ocupa-se especialmente da datação do códice de Lisboa na carta datada de Londres, 26 de Junho de 1896, BGUC Cx. 14, n.º 157, interrogando-se sobre a relação entre os dois testemunhos nos termos seguintes: «In welchem Verhältnisse nun stehen die beiden Handschriften zu einander? Kann dem Kalligraphen, als er das zum Geschenk bestimmte Büchlein niederschrieb, der erst 1557 vollendete Band der Cantigas e Vilancetes zur Grundlage gedient haben? Warum hätte ihn dann Cam. eine geraume Anzahl von Liedern der Vorlage, welche recht gut einen passenden Platz in dem niedlichen Werke finden konnten, aus der Abschrift ausschliessen lassen? Und wo bleibt die Vorlage für die Dichtungen nach italienischer Manier?» [Que relação têm os manuscritos um com o outro? Poderá o calígrafo ter utilizado como base o tomo das Cantigas e Vilancetes, só terminado em 1557, quando escreveu este livrinho para ser oferecido como presente? Porque teria então Caminha mandado excluir uma boa porção de cantigas que se encontram neste manuscrito-base e que bem poderiam ter tido um lugar condizente nesta graciosa obra? E onde está o manuscrito-base das poesias à maneira italiana?]

<sup>22</sup> Sousa Viterbo afirma, com efeito, na carta de 28 de Fevereiro de 1895: «Applaudo *ex-corde* a escolha do Almeida para copista: assim elle possa encarregar-se da tarefa. No caso negativo, creio que haverá na Bibliotheca quem se incumba do trabalho.»

citado estudo de 1901 ficaram a dever-se ao erudito lusitano<sup>23</sup>, o que parece ter sido uma decorrência do tipo de relação estabelecida entre ambos.

Quer os oferecimentos dos seus préstimos para buscas em bibliotecas e arquivos, quer as notícias de descobertas de documentos feitas por si ou por Brito Rebelo no acervo da *Torre do Tombo*<sup>24</sup> permitem suspeitar que Sousa Viterbo tenha assumido com alguma frequência o papel de auxiliar de pesquisa de Carolina Michaëlis de Vasconcelos, pelo menos no caso de fontes guardadas em arquivos lisboetas, dificilmente acessíveis a alguém que, como ela, vivia no Porto.

Mais difícil de avaliar é o relacionamento que se terá estabelecido entre Sousa Viterbo e Joseph Priebisch, a quem o primeiro tão generosamente cedera a informação sobre o códice lisboeta (é o próprio autor alemão que menciona, num agradecimento, esse gesto, em carta de 1 de Fevereiro de 1895 conservada na BGUC: «Für Ihre so erfolgreichen Bemühungen im Interesse meiner Arbeit erstatte ich Ihnen meinen verbindlichsten Dank und ebensolchen bitte ich Sie, Herrn Sousa Viterbo für die selbstlose Überlassung seines Fundes zu übermitteln.»<sup>25</sup> [Manifesto-lhe os meus mais encarecidos agradecimentos pelos seus esforços

<sup>23</sup> Eis as suas palavras na carta datada de Lisboa, 28-2-95: «De D. Francisca de Aragão, dama da rainha D. Catharina e esposa de D. João de Borja, encontrei um documento na chancaria de Filipe I (*Doações*, L.º 9º, fol. 53), o qual tratarei de copiar logo que possa, remetendo-o imediatamente a V. Ex.ª É possível todavia que ainda apareça mais algum, p.ª o que folharei os índices das chancellarias.» e também, na carta de Lisboa, 23 de Junho de 1895: «Remetto mais esse docum.to que hontem encontrei na Torre e que diz respeito indirectamente a D. Francisca de Aragão. Não obstante, parece-me interessante, porq mostra a importancia dos Condes de Ficalho, ainda depois de mortos. Tomei nota de outra mercê identica, mas não me recorda se feita depois do fallecimento delles, ou se ainda em vida. Se V. Ex.ª vir q lhe convém, mandá-la-ei também.»

<sup>24</sup> O erudito português refere-se especificamente a descobertas de Brito Rebelo nas cartas datadas de Lisboa, 6 de Maio de 1897 e Lisboa, 16 de Fevereiro de 1906.

<sup>25</sup> Carta datada de Londres 1 de Fevereiro de 1895, BGUC Cx. 14, n.º 154.

em prol do meu trabalho e peço-lhe também que os transmita igualmente ao senhor Sousa Viterbo pela generosa cedência da sua descoberta.]). O envio de publicações a Joseph Priebisch é mencionado duas vezes por Sousa Viterbo em cartas que supomos terem sido escritas em 1897<sup>26</sup>, mas a informação é acompanhada de lamentos pela ausência de resposta do professor alemão. Mais do que uma manifestação de indiferença, esse silêncio talvez deva ser lido como uma indicação de que, depois da publicação das *Poesias Inéditas*, este último terá deixado de se ocupar intensamente de assuntos portugueses.

A edição da obra poética de Pêro de Andrade Caminha realizada por Priebisch parece ter causado alguma desilusão nos dois investigadores que tanto para ela haviam contribuído. Como demonstra a carta escrita por Sousa Viterbo no ano de 1901, que supomos anterior à divulgação do estudo dado à estampa por D. Carolina na *Revue hispanique*, este pensara também em completar o trabalho de Joseph Priebisch, publicando «as 5 ou 6 poesias de Caminha, que não foram incluídas nas duas collecções, prefaciando-as com alguns dados e documentos biographicos acerca do poeta e da sua família»<sup>27</sup>. Tanto quanto pudemos apurar, não terá chegado a fazê-lo.

<sup>26</sup> Diz, na carta datada de Lisboa, 6 de Maio de 1897: «Eu enviei ao dr. Priebisch os dous primeiros folhetos acerca do Sá de Miranda, mas não sei se lhe chegaram ás mãos. Desejava remetter-lhe o 3.º, mas ignoro o verdadeiro endereço. Se não desse muito incommodo a V. Ex.ª, poderia fazer o obsequio de mo indicar singelamente num postal?» e ainda, em carta do mesmo ano: «Enviei ao Snr. Dr Joseph Priebisch os meus opusculos acerca de Damião de Goes e Sá de Miranda, mas até hoje não me foi acusada a recepção. Ter-se-iam desencaminhado?»

<sup>27</sup> Referimo-nos a um bilhete-postal datado de 2 de Dezembro de 1901, onde se lê: «Tenho na tenção publicar as 5 ou 6 poesias de Caminha, que não foram incluídas nas duas collecções, prefaciando-as com alguns dados e documentos biographicos acerca do poeta e da sua familia não sei porem se terei tempo e saúde para levar por diante a minha ideia»

## Ciência e relações humanas

As cartas não falam só de discussões intelectuais e de troca de informações: são também um meio através do qual se tecem relações profissionais, sociais e de cordialidade. É sobre estes aspectos da actividade humana, tal como se encontram reflectidos neste *corpus*, e do modo como estes se encontram entrelaçados na história da edição de *Poesias Inéditas*, que gostaríamos de nos debruçar em seguida.

Depois de ter investido cerca de três anos de trabalho na edição da obra poética de Pêro de Andrade Caminha, Joseph Priebisch teve alguma dificuldade em encontrar um editor disposto a dá-la à estampa. Em carta datada de Viena a 22 de Março de 1896, comunica, com efeito, à sua correspondente, a decisão de propor o seu manuscrito ou à editora Brockhaus, ou a Max Niemeyer, mesmo que, para os convencer a publicá-lo, tivesse que pagar parte dos custos de impressão:

Nun mehr dürfte es auch an der Zeit sein, der Lösung der Verlegerfrage näher zu treten. Sobald ich den Lissabonner Codex bearbeitet haben werde und das hoffe ich, wird, wenn mein jetziger, günstiger Gesundheitszustand andauert, in zwei Monaten geschehen sein, dann begeben mich nach Leipzig um Brockhaus die Angelegenheit vorzutragen. Sollte dieser nicht gewillt sein, den Caminha in seine Coleccao aufzunehmen, so erwarte ich dass er oder Niemeyer in Halle sich wird bestimmen lassen, die Arbeit gegen Vergütung der Hälfte der Druckkosten zu verlegen.

[Além disso deverá estar também na altura de tratar melhor da questão do editor. Assim que eu tiver trabalhado o Códice de Lisboa – e espero tê-lo terminado dentro de dois meses – se o meu presente estado de saúde continuar satisfatório, então dirigir-me-ei a Leipzig para apresentar o assunto à Brockhaus. Se este não estiver disposto a incluir o Caminha na sua colecção, espero que ou ele ou o Niemeyer em Halle se deixem convencer a realizar o trabalho contra o pagamento de metade dos custos da edição.] (BGUC, Cx 14, n.º 156)

Mas, na carta que escreve a 14 de Outubro do mesmo ano, depois de o editor Brockhaus ter recusado a edição, com o pretexto de que a exportação de livros para Portugal se havia tornado demasiado dispendiosa, Joseph Priebisch mostra-se menos optimista. Nesta carta, fala da sua intenção de se deslocar a Münster, para visitar Wilhelm Storck, talvez pensando que este professor poderia ajudá-lo na sua busca de uma solução para o problema:

Gegenwärtig weile ich auf unbestimmte Zeit in Berlin, um einen Verleger ausfindig zu machen. Brockhaus hat leider abgelehnt: die Büchereinfuhr nach Portugal sei sehr erschwert worden. Von hier aus gedenke ich Herrn Prof. Storck in Münster zu besuchen.

[Presentemente encontro-me em Berlim por tempo indeterminado, procurando interessar algum editor. Infelizmente o Brockhaus declinou a proposta: a exportação de livros para Portugal ter-se-á tornado muito difícil. Daqui penso ir a Münster visitar o Prof. Storck.]

O facto de Carolina Michaëlis ter mantido, durante anos, uma relação privilegiada com o editor Max Niemeyer, de Halle, permite avançar a suposição de que possa ter tido alguma interferência na alteração destes planos e na troca, feita por Priebisch, da viagem a Münster por uma visita a Max Niemeyer para discutir a possibilidade de publicação do resultado das suas pesquisas. Esta suposição é apoiada por alusões a um intercâmbio directo entre este editor e D. Carolina, incluídas em cartas do próprio Joseph Priebisch posteriores a esta data, nomeadamente quanto à revisão das provas de *Poesias Inéditas*<sup>28</sup>. Por outro lado, na

<sup>28</sup> Veja-se o que diz Priebisch, por exemplo, na carta de 7 de Abril de 1897 (BGUC Cx 14, n.º 61): «Von Herrn Dr. Niemeyer ist mir die erfreuliche Nachricht zugekommen, dass Sie sich der mühevollen Arbeit der Correctur der „Notas“ unterziehen wollen.» [Soube pelo Senhor Niemeyer a alegre notícia de que aceitou o moroso trabalho de correcção das “Notas”]

carta em que noticia a recusa de Brockhaus, o alemão agradece à filóloga o envio do endereço de Carlos Michaëlis de Vasconcelos, o filho desta que vivia então em Berlim, e anuncia-lhe a intenção de ir visitá-lo nesse mesmo dia (carta de 14 de Outubro de 1896). Apesar de não ser possível saber ao certo se essa visita terá tido alguma influência na decisão final quanto ao editor que deveria publicar *Poesias Inéditas*, o certo é que, em carta de 16 de Dezembro de 1896, Priebisch anuncia alegremente a D. Carolina o seu encontro com Niemeyer, a maneira delicada como este o recebera (descreve-o como «um verdadeiro *gentleman* da cabeça aos pés») e o facto de, apesar de ter exposto «dúvidas bem fundadas quanto ao êxito financeiro do empreendimento», este ter acedido a dar à estampa as obras de Pêro de Andrade.

Durante a visita a Max Niemeyer, Joseph Priebisch verá pela primeira vez a edição crítica monumental do *Cancioneiro da Ajuda* preparada por D. Carolina. Visivelmente impressionado com um trabalho que classifica como uma obra-prima («Welch ein Meisterwerk!» é a exclamação que inscreve no seu texto), e honrado com a possibilidade de publicar algo seu na mesma colecção, decide mandar compor o seu livro a partir do modelo tipográfico adoptado por D. Carolina na edição das obras de Sá de Miranda, saída dos prelos do mesmo editor cerca de dez anos antes (Vasconcelos, 1885):

Heute ist es mir vergönnt, Ihnen eine frohe Botschaft zu verkünden: Herr Niemeyer dem ich vor ein paar Tagen meine Manuskripte in Halle vorlegte, hat den Verlag des Buches übernommen, freilich nicht ohne (wohlberechtigte) Bedenken über den finanziellen Erfolg des Unternehmens geäußert zu haben. N. ist ein gentleman vom Scheitel bis zur Sohle. Von ihrem Cancioneiro d'Ajuda besitze ich einige Bogen, die mir Herr N. mitgab. Welch ein Meisterwerk! Und einer solchen klassischen Ausgabe soll mein armseliges Produkt folgen! Nun es ist ja meine Erstlingsarbeit, darin muss ich Trost suchen. Anfang des nächsten Jahres will ich mit dem Druck des Textes beginnen.

Was die Verwendung der Typen betrifft (wozu ich mir noch einige Kenntnisse in der Drucktechnik verschaffen muss) so gedenke ich Ihren Miranda zum Muster zu nehmen: z. B. alles was Caminha nicht angehört, in Cursive drucken zu lassen.

[Hoje tenho o prazer de lhe comunicar uma alegre notícia: o senhor Niemeyer, a quem há dias apresentei os meus manuscritos aceitou publicar o livro, evidentemente não sem ter manifestado algumas dúvidas (bem fundadas) quanto ao êxito financeiro do empreendimento. N. é um *gentleman* da cabeça aos pés.

Possuo alguns fólhos do seu Cancioneiro d'Ajuda, que o senhor N. me deu. Que obra-prima! E a minha pobre produção deverá seguir-se a uma edição de tal envergadura! Tenho que me consolar com o facto de que se trata do meu primeiro trabalho. Quero começar com a impressão do texto no início do próximo ano.

No que diz respeito aos tipos a empregar (tenho ainda que adquirir alguns conhecimentos sobre a técnica de impressão) penso tomar como modelo o seu Miranda: por exemplo, mandar compor em cursiva tudo o que não pertencer a Caminha.]

É neste ponto que assistimos, nestas cartas, ao tecer de relações que extravasam do plano puramente profissional para o plano mais pessoal e, até, afectivo. Na impossibilidade de se encontrar com a sua correspondente, Joseph Priebisch manterá o contacto com o filho desta, que estudava então em Berlim<sup>29</sup>. Tal como surge representado nestas missivas (na carta de 16 de Dezembro de 1896), o encontro entre o jovem professor alemão e Carlos de Vasconcelos é assinalado, a nível discursivo

<sup>29</sup> Carta de 14 de Outubro de 1896 «Haben Sie auch Dank für die Übermittlung der Adresse ihres Sohnes, die mir heute morgen zugekommen ist. Ich werde mich sofort nach Niederschrift dieser Zeilen in die Karlstrasse verfügen, um seine Bekanntschaft zu machen.» [Receba os meus agradecimentos pelo envio do endereço do seu filho que me chegou esta manhã. Assim que acabar de escrever estas linhas dirigir-me-ei à Karlsstrasse para o conhecer.]

sivo, por pequenas marcas de natureza emocional: Priebisch deseja ver o retrato de Carolina Michaëlis, que não conhece pessoalmente apesar de com ela se cartear e, na sua segunda visita, o jovem Carlos oferece-lhe uma cópia desse retrato, que mandara executar entretanto:

Tausen[d] Dank für die freundliche Übermittlung der Adresse Ihres Sohnes! Ich habe Herrn Carlos schon recht lieb gewonnen. Da ich ihm einmal den Wunsch äusserte, ihr Bildnis zu sehen, war er letzten Sonntag, als ich ihn besuchte, so gütig, mir eine Copie zum Geschenk zu machen. Herr Carlos spricht übrigens ein vorzügliches Englisch, was ihm bei seinen Bestrebungen sehr zustatten kommen wird.

[Mil vezes obrigado pelo amável envio do endereço do seu filho! Já começo a simpatizar muito com o Senhor Carlos. Como eu lhe comuniquei uma vez o desejo de ver o seu retrato, quando o fui visitar no passado domingo teve a bondade de me oferecer uma cópia dele. O senhor Carlos fala um excelente inglês, o que lhe será de grande ajuda para realizar os seus planos.]

Note-se que este hábito de trocar retratos entre correspondentes que dificilmente chegariam a conhecer-se parece ter sido um gesto frequente na época. Alude à mesma prática, por exemplo, José Leite de Vasconcelos, mencionando com desvanecimento o intercâmbio de fotografias suas com Wilhelm Storck e com a própria Carolina Michaëlis<sup>30</sup>. Não podemos esquecer que a fotografia fornecia um suporte físico a uma relação que se ancorava em afinidades espirituais, mas se desenrolava na ausência e à distância. Em carta de 7 de Abril do ano seguinte,

<sup>30</sup> Eis as suas palavras: «Os retratos com que adorno o livro tem estas procedências: o de Storck ofereceu-m'o elle, como lembrança, ainda antes de eu pensar na obra; o da Sr<sup>a</sup>. D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos ofereceu-m'o também ella, ha muito tempo;» (Vasconcelos, 1910: IX). Dias Marques (1991) transcreve uma carta de Wilhelm Storck a Joaquim de Araújo datada de 17 de Outubro de 1891, na qual se menciona também uma troca de retratos.

volta a ser mencionada outra troca de retratos, desta vez entre a própria D. Carolina e o jovem alemão:

Empfangen Sie noch meinen besten Dank für Ihre prächtige Photographie, die Sie die Güte hatten mir zu schenken. Ich werde nicht ermangeln, meinem nächsten Briefe an Sie auch mein Bild, das ich in Reichenberg habe aufnehmen lassen, beizuschliessen.

[Receba ainda os meus melhores agradecimentos pela sua fantástica fotografia que teve a bondade de me enviar. Não deixarei na próxima carta que lhe escrever de incluir sem falta também a minha fotografia que mandei tirar em Reichenberg.]

A proximidade, pelo menos epistolar, entre Priebisch e Carlos Michäelis de Vasconcelos parece ter perdurado durante algum tempo: é o que se conclui, quer da carta datada de 6 de Agosto de 1897, na qual, ao relatar os desastres causados pelas inundações, o investigador alemão revela ter sido informado por Carlos da existência de uma situação idêntica em Berlim<sup>31</sup>, quer da carta de 22 de Setembro de 97, na qual se refere a nova visita<sup>32</sup>.

<sup>31</sup> BGUC Cx. 14, Carta 166 «eine heftige Bronchitis verbunden mit einer Augenzündung hielt mich bis heute ans Bett gefesselt – die Folgen der furchtbaren Hochwasser-katastrophe, die unser schönes Böhmerland so schwer heimgesucht hat. Die Nacht vom 30. Juli, die ich unter strömendem Regen bei den Rettungsarbeiten theilhaftig zubrachte, hat dies Missgeschick verursacht. Auch Ihr trefflicher Sohn, der liebenswürdige Herr Carlos, hat, wie ich von ihm höre, in Krummhübel unter dem Hochwasser leiden müssen und die Sommerfrische aufgeben.» [uma forte bronquite associada a uma infecção nos olhos mantiveram-me preso à cama até hoje – consequências da terrível catástrofe das inundações que atingiu a nossa linda Boémia. Na noite de 30 de Julho que eu passei debaixo de chuva torrencial envolvido nos trabalhos de salvamento causou este infortúnio. Também, segundo me comunicou o seu egrégio filho, o amável Senhor Carlos, sofreu com as inundações ao ponto de ter que desistir das suas férias de Verão em Krummhübel.]

<sup>32</sup> BGUC Cx. 14, n.º 163: «Auf der Durchreise durch Berlin hatte ich das Vergnügen ein Stündchen mit Herrn Carlos verplaudern zu können.» [Durante a viagem, de passagem por Berlim, tive o prazer de passar uma horinha na conversa com o senhor Carlos.]

É quando são mencionadas perturbações de carácter afectivo que estas cartas se tornam especialmente ilustrativas da personalidade de Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Nas missivas do professor boémio encontramos, ao lado de ecos de respostas a pedidos de informação, a menção a palavras de incentivo dirigidas pela ilustre filóloga em momentos de desânimo ocorridos em várias fases do trabalho. Significativas são as cartas de 11 de Março e 7 de Abril de 1897, nas quais Joseph Priebisch se refere à morte de seu pai. Se, na primeira, explica que devido ao desgosto que sentia não conseguia trabalhar com afinco («Während der letzten Wochen bin ich nicht im Stande gewesen, mich zu schwererer Arbeit zu sammeln» [Durante as últimas semanas não estive em estado de empreender trabalho árduo]), na segunda, agradece as palavras de consolo que lhe haviam sido prodigalizadas pela sua correspondente, dando a entender que entre elas se incluía o conselho de que não deixasse que a dor o impedisse de se aplicar à tarefa da edição e que, pelo contrário, se entregasse ao trabalho como meio de superação do desgosto. É o que se depreende do excerto seguinte:

Seien Sie vor allem meines herzlichsten Dankes versichert für die innige Antheilnahme, welche Sie anlässlich des herben Verlustes, der mich und meine Lieben betroffen, in so trostvollen Worten mir bekundet haben.

Die Worte der Ermunterung zur Arbeit, welche Sie mir gütigst haben zu Theil werden lassen, will ich mir zu Herzen nehmen und meine schwachen Kräfte der Aufgabe, die ich mir gestellt neuerdings zuwenden.

[Fique certa, acima de tudo, da minha mais sincera gratidão pela sentida compaixão que me transmitiu com palavras tão consoladoras, por ocasião da amarga perda que me atingiu, a mim e aos meus entes queridos.

Quero levar a peito as palavras de incentivo ao trabalho que gentilmente me dirigiu, e orientar as minhas fracas forças para o trabalho que me propus realizar.]

Trata-se, como se sabe, de um dos aspectos da filosofia de vida de Carolina Michaëlis, que encontramos expressa em alguns dos seus escritos: a ideia de que o trabalho intelectual pode ser usado como uma terapia para as dores físicas e psicológicas, e como um escape para as agruras da vida<sup>33</sup>. Diga-se, de passagem, que vemos esta mesma postura expressa nas cartas de Sousa Viterbo aqui em análise<sup>34</sup>.

A cordialidade assim criada e alimentada por via epistolar entre Carolina Michaëlis e este seu discípulo parece ter tido ainda o efeito de inspirar ao investigador a ideia de visitar a Península Ibérica. Nas últimas cartas conservadas vemo-lo expor o seu plano de atravessar a Espanha, passar por Madrid, e chegar ao Porto para visitar, enfim, Carolina Michaëlis de Vasconcelos. A viagem é anunciada num *post scriptum* («Wenn mein Befinden es gestattet, will ich Mitte September oder früher nach Madrid gehen und Ende Oktober oder im November in Porto eintreffen.» [Se o meu estado o permitir, quero, em meados de

<sup>33</sup> Manuela Delille (2001: 48) recorda a afirmação seguinte: «mesmo que no futuro nenhum resultado continue de pé, mesmo assim a minha actividade não foi em vão. Seja como for, tornou a minha vida rica e bela, e ensinou-me a superar ou a suportar as dores, preocupações e contrariedades que a vida real traz consigo».

<sup>34</sup> Pelo menos é o que se deduz de afirmações como: 28 de Fevereiro de 1895: «Não pode haver doença mais cruel que o mal dos olhos para quem vive da leitura e da penna. Quando ás vezes scismo que a vista se me apagará e que não poderei mais satisfazer a avidez da exploração histórica, decifrando códices, ou a fome do espírito, lendo as obras primas da inteligência humana, sinto verdadeiros calafrios. Eu cá vou indo soffrendo sempre, mas disfarçando com o trabalho contínuo os meus padecimentos phisicos e moraes.» e na carta de 29 de Agosto do mesmo ano: «O que eu tenho escavado n'aquella inhexaurível mina da Torre do Tombo! Ainda hontem encontrei dous documentos interessantissimos: um acerca dos mestres espirituais da Sé da Guarda no tempo de D. Manuel e outro a respeito do sogro de Diogo de Castilho, que por sinal era do Porto. Este trabalho de exploração devora-me, acaba de me consumir, mas fascinam-me estes súbitos clarões que de quando em quando alumiam o meu espírito sequioso de descoberta.»

Setembro ou antes disso, ir a Madrid, e chegar ao Porto lá para os finais de Outubro ou Novembro.]) mas vai sendo adiada de carta para carta<sup>35</sup> e parece não ter chegado a realizar-se<sup>36</sup>.

### Conclusão

Apesar de fragmentário, o *corpus* epistolar constituído pelas missivas enviadas a Carolina Michaëlis por Joseph Priebisch e por Sousa Viterbo a propósito da edição das *Poesias Inéditas de P. de Andrade Caminha* lança nova luz sobre as relações intelectuais estabelecidas entre estes investigadores e permite tirar algumas conclusões relativas aos contributos dados por cada um deles para a edição de Hallé. Por um lado, se Priebisch deu início à discussão, ao anunciar a descoberta do códice de Londres e a sua intenção de o editar criticamente, o contacto com Carolina Michaëlis levou-o a alterar substancialmente o seu

<sup>35</sup> Na carta de 1897, BGUC Cx. 14, n.º 164, lê-se: «Wie so manches, das ich in diesem Jahre zu unternehmen gedachte, so ist auch dieser mein Lieblingsplan Spanien zu sehen und Sie in Porto zu begrüßen, elend gescheitert. Wenige Tage nach meiner Ankunft in London verspürte ich wieder einmal einen anfangs nur leichten Anfall meines alten Leidens, der Rheumatismus, das sich hier in Liverpool, wohin ich meinen Vater begleitete, dermassen steigerte, dass ich durch mehr als eine Woche das Bett hüten musste.» [Como tantas coisas que eu tinha pensado realizar este ano, também o meu mais querido plano de ver Espanha e de a ir cumprimentar ao Porto falhou miseravelmente. Poucos dias depois da minha chegada a Londres senti outra vez um ataque do meu velho padecimento de Reumatismo, a princípio apenas ligeiro, mas aqui em Liverpool, onde vim acompanhar o meu pai, aumentou de tal maneira que eu tive que ficar de cama mais de uma semana.]

<sup>36</sup> Lê-se, na carta de 9 de Novembro de 1897: «Obwohl ich mich rasch von meinem Anfall wieder erholt hatte, hielt ich es doch für besser meine Spanienreise bis Februar zu verschieben, da ich die Weihnachtszeit mit meiner lieben Mutter verleben wollte.» [Apesar de me ter restabelecido rapidamente depois da minha crise, achei melhor atrasar a minha viagem a Espanha para Fevereiro, porque quero passar o Natal com a minha querida Mãe.]

projecto inicial: em vez da edição de um testemunho curto e único, acabou por se ver a braços – devido à generosa intercessão de D. Carolina e à galante cedência da exploração do manuscrito de Lisboa por parte de Sousa Viterbo – com a necessidade de trabalhar criticamente dois testemunhos, um dos quais muito extenso e apenas apreciado de modo indirecto, através de uma transcrição levada a cabo por um amanuense e completada pelas «reminiscências» de uma terceira pessoa<sup>37</sup>.

Por outro lado, Carolina Michaëlis parece ter influído de diversas maneiras no resultado final: as cartas revelam que forneceu informações, consolou e incentivou ao trabalho, discutiu critérios de fixação dos textos, corrigiu e completou notas, intercedeu junto do editor, traduziu a introdução, e até reviu provas. Mas o resultado final, ainda que possa ter agradado aos leitores da época pela novidade<sup>38</sup>, não parece ter correspondido cabalmente às expectativas dos envolvidos na sua realização: Priebisch afirmará que sentia que tinha metido ombros a uma tarefa superior às suas forças e ao seu saber; Sousa Viterbo anunciará a intenção de completar o trabalho com uma publicação que incluísse informações que não haviam sido aproveitadas pelo professor alemão, e a própria D. Carolina acabará por editar dados complementares no estudo *Pedro de Andrade Caminha. Beiträge zu seinem Leben und Wirken* na *Revue hispanique* em 1901.

Ainda assim, não é de descontentamento que nos falam estas cartas, mas de intercâmbio, de diálogos cruzados e, sobretudo, de curiosi-

<sup>37</sup> Recordamos que o códice da Biblioteca Nacional de Lisboa é constituído por dois volumes de 246 fólios e 217 fólios respectivamente.

<sup>38</sup> Para além de ter sido recenseada muito positivamente por Carolina Michaëlis de Vasconcelos na *Deutsche Literaturzeitung* (Vasconcelos 1898:1124-1128), a edição de Priebisch foi comentada na Academia das Ciências de Lisboa, em sessão de 10 de Fevereiro de 1898, recebendo palavras elogiosas de Sousa Viterbo e de Teófilo Braga. Cf.: *Boletim da Segunda Classe Academia das Ciências de Lisboa*, ano I (1898: 40).



dade e de entusiasmo pela pesquisa. Apesar das dificuldades e das dúvidas, e mau grado a relativa insatisfação com o resultado final que parecem ter sentido todos os envolvidos, elas poderiam servir de ilustração às seguintes palavras de José Leite de Vasconcelos, escritas alguns anos mais tarde:

Nem só os recursos de que dispõe a physica aproximam os homens, annullando, por assim dizer, as distancias. A litteratura também estabelece relações: por ella entram em mutuo convívio os que estão afastados uns dos outros, quer no tempo, quer no espaço. (Vasconcelos, 1910: 1)

## Bibliografia

- Amâncio, Lúcia (2005), «Reflections on science as a gendered endeavour: changes and continuities», *Social Science Information*, vol. 44, n.º 1, 65-83, acessível também em <http://ssi.sagepub.com/cgi/content/abstract/44/1/65>.
- Anastácio, Vanda (1998), *Visões de Glória (Uma introdução à Poesia de Pero de Andrade Caminha)*, Lisboa, Fundação C. Gulbenkian-JNICT.
- Ayres, Christovam (1911), «D. Carolina Michaelis de Vasconcelos», *Boletim da Segunda Classe. Academia das Ciências de Lisboa*, 5, I-IV.
- Beau, Albin Eduard (1958), *D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Conferência lida em 7 de Dezembro de 1956 para inaugurar uma exposição comemorativa*, Publicações do Instituto Alemão, Lisboa, 4-21.
- Boletim da Segunda Classe. Academia das Ciências de Lisboa* (1898), vol. I, Lisboa, typographia da Academia, 1903, 40.
- Correia, Maria Assunção Pinto (1986), *O Essencial sobre Carolina Michaëlis de Vasconcelos*, Lisboa, INCM.
- Crenshaw, K. (1998), «Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory, and antiracist politics», in: Philips, A. (ed.) *Feminism and Politics*, New York, Oxford University Press, 314-343.
- Cunha, Celso (1981-84), «Uma carta de Joaquim de Vasconcelos sobre o Cancioneiro da Ajuda», *Boletim de Filologia* [Homenagem a Manuel Rodrigues Lapa], n.º 28, 317-328.

- Delille, Maria Manuela Gouveia (1985), «Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1851-1925) – Uma alemã, mulher e erudita, em Portugal», *Biblos*, 61, 1-32.
- (2001) «Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1851-1925): ‘intermediária nata entre a cultura neolatina e a germânica’», *Revista da Faculdade de Letras “Linguas e Literaturas”*, Porto, XVIII, 33-48.
- Dias Marques, José Joaquim (1991), «Wilhelm Storck e a morte de Antero de Quental», *Runa. Revista Portuguesa de Estudos Germanísticos*, Coimbra, n.ºs 15-16, 183-206.
- Einspahr, Jennifer (2010), «Structural domination and structural freedom: a feminist perspective», *Feminist Review*, 94, 1-19.
- Ey, Luise (1911-1912), «D. Carolina Michaëlis na intimidade», *Boletim da Segunda Classe. Academia das Ciências de Lisboa*, 5, 231-245.
- Jorge, Ricardo (1911-1912), «D. Carolina Michaëlis», *Boletim da Segunda Classe. Academia das Ciências de Lisboa*, 5, 302-304.
- LeGentil, Georges (1927), «Carolina Michaëlis de Vasconcelos», *Lusitania*, IV, Fasc. X, Outubro, 123-129.
- Malkiel, Yakov (1993), «Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1851-1925)», *Romance Philology*, vol. XLVII, n.º 1, August, 1-32.
- Meyer-Lübke, Wilhelm (1927), «Carolina Michaëlis e a Filologia Românica», *Lusitania*, IV, 17-26.
- Nunes, Fátima (2008), «Construção científica nas ciências Humanas», in: Fernanda Henriques (coord.), *Género, Diversidade e Cidadania*, Lisboa, Ed. Colibri-NEHM-CIDEHUS, 89-100.
- Paris, Gaston (1911-1912), «Carta de Gaston Paris a Carolina Michaëlis», in: Vasconcelos, José Leite de, «Cartas de escritores notáveis», *Boletim da Segunda Classe. Academia das Ciências de Lisboa*, 5, 283-285.
- Pribsch, Joseph (1895), «Altspanische Glossen (31.5.1894)», *Zeitschrift für romanische Philologie*, XIX. Band, Halle, Max Niemeyer, 1-40.
- (1898) *Poesias Inéditas de Pero de Andrade Caminha*, Halle, Max Niemeyer.
- Ramos, Maria Ana (1991), «Palavras entre filólogos: uma carta de Leite de Vasconcelos a Carolina Michaëlis», *Estudos Portugueses. Homenagem a Luciana Stegagno Picchio*, Lisboa, Difel, 143-158.



- Remédios, Mendes dos (1926), «D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos», *Biblos*, 2, 1926, 205-238.
- Risman, Barbara J. (2004), «Gender as a Social Structure: Theory wrestling with Activism», *Gender and Society*, vol. 18, n.º 4, August, 429-450.
- Roig, Adrien (1982), «Prefácio», in: Roig/Caeiro (1982), *Pero de Andrade Caminha*, Coimbra, INIC, 9-12.
- Vasconcelos, Carolina Michaëlis de (1885), *Poesias de Sá de Miranda*, Halle, Max Niemeyer
- (1901), «Pedro de Andrade Caminha, Beiträge zu seinem Leben und Wirken, auf Grund und im Anschluss an die Neuauflage des Dr. Joseph Priebisch», *Revue Hispanique*, VIII, 338-450.
- Vasconcelos, José Leite de (1910), *O Doutor Storck e a Litteratura Portuguesa. Estudo historico-bibliographico*, Lisboa, Academia Real das Sciencias.
- Viterbo, Francisco Marques de Sousa (1894), «Caminha e a música», *A Mala da Europa*, n.º 11, Dezembro, 5-6.

**QUANDO DOIS VASCONCELOS SE CORRESPONDEM:  
CAROLINA MICHAËLIS E JOSÉ LEITE**

**YARA FRATESCHI VIEIRA**  
Universidade Estadual de Campinas  
Brasil

A correspondência entre Carolina Michaëlis e José Leite de Vasconcelos estende-se de 1888 até 1924, se nos restringirmos aos exemplares datados que nos foram transmitidos. Estão arquivados e catalogados no *Epistolário de José Leite de Vasconcelos* (1999) 232 cartas e bilhetes-postais que a filóloga enviou ao seu colega e amigo em Lisboa, enquanto na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra se encontram 45 cartas e bilhetes que lhe foram por este remetidos.

Uma correspondência de mais de 30 anos entre pessoas que partilhavam interesses intelectuais comuns pode oferecer-nos a oportunidade de acompanhar o desenvolvimento de ideias que foram fundamentais na sua obra publicada; de testemunhar a troca de opiniões e informações, ou pedidos de aconselhamento profissional; de ouvir o eco de polémicas públicas ou o ressentimento causado por críticas de outrem; e, à medida que os anos passaram e a amizade se tornou mais sólida e íntima, o desabafo dos problemas pessoais, as queixas de dificuldades financeiras, até mesmo um consultório sentimental...

O tratamento desse material coloca, naturalmente, questões éticas. Assim, antes de mais nada, gostaria de ressaltar os motivos norteadores